

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS BACHARELADO

Tháine Fernanda Sell

**DUPLOS & CANIBAIS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O
ROMANCE *DRAGÃO VERMELHO*, DE THOMAS HARRIS, E A
SÉRIE AUDIOVISUAL *HANNIBAL*, DE BRYAN FULLER**

Santa Maria, RS
2021

Thaíne Fernanda Sell

**DUPLOS & CANIBAIS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ROMANCE
DRAGÃO VERMELHO, DE THOMAS HARRIS, E A SÉRIE AUDIOVISUAL
HANNIBAL, DE BRYAN FULLER**

Trabalho apresentado ao Curso de Letras
Português, da Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM-RS), como requisito
para obtenção do título de **Bacharel em
Letras**.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Enéias Tavares

Santa Maria, RS
2021

Thaíne Fernanda Sell

**DUPLOS & CANIBAIS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ROMANCE
DRAGÃO VERMELHO DE THOMAS HARRIS E A SÉRIE AUDIOVISUAL
HANNIBAL, DE BRYAN FULLER**

Trabalho apresentado ao Curso de Letras
Português, da Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM-RS), como requisito
para obtenção do título de **Bacharel em
Letras**.

Aprovado em Fevereiro de 2021

Enéias Tavares, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Anderson Amaral, Dr. (UNIJUÍ)

Santa Maria, RS
2021

AGRADECIMENTOS

Agradecer as pessoas que estiveram ao meu lado durante a escrita deste trabalho não é tarefa fácil, pois a ajuda veio de muitos lugares e das mais diversas maneiras. Então, às pessoas que estiveram ao meu lado, fisicamente ou não, obrigada. Ouvir palavras de encorajamento foram essenciais para que este trabalho de fato acontecesse.

Obrigada família, por me ensinarem desde sempre a importância de buscar conhecimento e por me tornarem quem eu sou, apoiando tudo que faço, mesmo que nem sempre entendam; e obrigada aos meus amigos que, mesmo de longe, estão sempre me apoiando e fazendo eu acreditar que não existe o impossível enquanto eu seguir sendo quem eu sou. Nem todos têm o privilégio que eu tenho, de receber todo esse carinho e força em meus projetos. Então, mais uma vez, obrigada.

Um agradecimento especial ao meu orientador, o professor Enéias, que abraçou minhas ideias com entusiasmo e olhou sempre com carinho para meu texto, respeitando minha escrita e me orientando de uma forma extraordinária.

E, é claro, devo outro agradecimento, mais que especial, à obra que me fascinou desde o primeiro momento em que a conheci. E à arte em geral, que merece ser exaltada por produzir vínculos e sensações tão fortes e concretas que uma visão objetiva nunca fará.

RESUMO

DUPLOS & CANIBAIS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ROMANCE *DRAGÃO VERMELHO* DE THOMAS HARRIS E A SÉRIE AUDIOVISUAL *HANNIBAL*, DE BRYAN FULLER

AUTORA: Thaíne Fernanda Sell
ORIENTADOR: Profº Dr. Enéias Tavares

Este trabalho constitui uma análise da obra literária *Red Dragon*, de Thomas Harris, e sua adaptação para a série de televisão *Hannibal*, de Bryan Fuller. Para isso, utilizou-se como aporte teórico a teoria do duplo, a partir da qual foi realizada a análise dos personagens Will Graham e Hannibal Lecter, considerados centrais nesta pesquisa. Para a realização da análise, foi feita a leitura das obras acima citadas e uma revisão bibliográfica da teoria do duplo, tendo como intuito selecionar as passagens mais adequadas ao objetivo aqui proposto. Assim sendo, este trabalho tem como objetivo central analisar de que maneira a teoria do duplo pode servir como resposta às diversas questões apresentadas e desenvolvidas por Bryan Fuller em sua adaptação da obra de Thomas Harris,. No processo de análise foram encontradas diversas passagens em que isso ocorre na série televisiva. Portanto, percebe-se que o duplo é uma resposta possível, pois em muitas cenas é evidenciado o contraste entre os personagens, e sua gradual aproximação, assim como o processo de tornarem-se semelhantes, além de outros aspectos intrínsecos ao duplo, apresentados no trabalho.

Palavras Chave: *Red Dragon*, *Hannibal*, Teoria do duplo, adaptação.

ABSTRACT

DOUBLES & CANIBALS: COMPARATIVE ANALYSIS OF THOMAS HARRIS CHARACTERS IN THE NOVEL *RED DRAGON* AND BRYAN FULLER'S *HANNIBAL* AUDIOVISUAL SERIES

AUTHOR: Thaíne Fernanda Sell
ADVISOR: Prof^o Dr. Enéias Tavares

This work is an analysis of the literary work *Red Dragon*, by Thomas Harris, and its adaptation for the television series *Hannibal*, by Bryan Fuller. For that, the double theory was used as theoretical support, from which the analysis of the characters Will Graham and Hannibal Lecter, central in this work, was carried out. In order to carry out the analysis, the aforementioned works were read and a bibliographic review of the double theory was made. Therefore, the most appropriate passages for the purpose of the work were selected. With the central objective of analyzing how the double theory can serve as an answer to the various questions presented and developed by Bryan Fuller in his adaptation of the work of Thomas Harris, several passages were found in which this occurs in the television series. It is possible to perceive that the double is a possible answer because in many scenes the contrast between the characters is evidenced and its gradual approach, as well as the process of becoming similar, in addition to other aspects intrinsic to the double presented in the work.

Keywords: *Red Dragon*, *Hannibal*, Double theory, adaptation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Apéritif” Frame: 14’55.....	29
Figura 2 – “Apéritif” Frame: 25’27.....	29
Figura 3 – “Muzozuke” Frame: 31’40.....	31
Figura 4 – “Su-Kazana” Frame: 31’31.....	32
Figura 5 – “... and the woman clothed with the sun” Frame: 37’27.....	33
Figura 6 – “Tome-Wan” Frame: 03’18.....	34
Figura 7 – “The Wrath of the Lamb” Frame: 41’10.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 JUSTIFICATIVA	10
1.2 ETODOLOGIA	10
1.3 REFERENCIAL TEÓRICO: O DUPLO E SUAS DEFINIÇÕES.	11
2 APÉRITIF: O DRAGÃO VERMELHO, CRIAÇÃO DE THOMAS HARRIS.....	15
3 ENTRÉE: A SÉRIE HANNIBAL E SUAS PARTICULARIDADES	18
4 BON APPÉTIT: O DRAGÃO VERMELHO E SUA RECRIAÇÃO EM HANNIBAL	22
5 PLAT PRINCIPAL: O DUPLO COMO RESPOSTA À ADAPTAÇÃO.....	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BOBLOGRÁFICAS.....	36
REFERÊNCIA TELEVISIVA.....	37

1 INTRODUÇÃO

Para a pesquisa pretendida, serão utilizadas como base duas obras: uma literária e outra televisiva. A primeira é o livro *Red Dragon* de Thomas Harris, publicado em 1981, um clássico dos romances de suspense, no qual aparece pela primeira vez a figura do psiquiatra Hannibal Lecter. A segunda é a série *Hannibal*, iniciada em 2013 e finalizada em 2015, produzida pela NBC e criada pelo roteirista e produtor norte-americano Bryan Fuller. Ambas as obras possuem características únicas e utilizam o melhor de cada mídia em favor da produção, usando histórias similares.

O livro de Thomas Harris apresenta personagens bem construídos, que tem suas mentalidades exploradas de forma complexa na narrativa. O que ocorre na série é uma releitura e uma reconstrução desses mesmos personagens, em que Bryan Fuller utiliza-se de diversos efeitos cinematográficos e novas tramas para fazer uma leitura ainda mais profunda dessas complexas mentalidades.

Como proposta de pesquisa para este trabalho, pretende-se analisar a construção dos personagens Will Graham e Hannibal Lecter na narrativa de Thomas Harris e na série televisiva, produzida e dirigida por Bryan Fuller. Busca-se também explorar de que maneira o efeito do duplo, teorizado por Otto Rank, pode ser usado como resposta à muitas das representações criadas por Bryan Fuller em sua releitura desses personagens.

O objetivo geral do presente trabalho é analisar as obras acima apresentadas e entender de que maneira o problema do duplo pode ser percebido como uma resposta à construção dos personagens que são protagonistas dessas obras.

Entre os objetivos específicos deste trabalho, estão os seguintes:

- Fazer uma revisão bibliográfica da chamada teoria do duplo, base teórica-crítica deste trabalho.
- Fazer um percurso pelas obras propostas, falando de seu enredo e analisando suas particularidades, assim como suas semelhanças.
- Entender as maneiras pelas quais a teoria do duplo pode servir de resposta para algumas questões que os enredos levantam.
- Analisar como o duplo foi construído na obra audiovisual e como ele pode ser uma resposta para as escolhas feitas pelo produtor Bryan Fuller a fim de fazer a releitura dos personagens.
- Verificar de que maneira o contraste entre Will e Hannibal está sempre sendo colocado em evidência. É a partir dele que este trabalho pretende mostrar como o duplo

pode ser utilizado como uma resposta possível para a relação entre os personagens Will e Hannibal que foi criada nessa adaptação.

1.1 JUSTIFICATIVA

A literatura e suas representações em outros tipos de plataformas, como a audiovisual, por exemplo, é um assunto bastante presente, tanto no meio cultural, quanto no meio acadêmico. E mesmo assim, as ramificações que essas representações podem alcançar são muito abrangentes e estudá-las implica trazer ainda mais conhecimentos para esta área em constante ascensão. Trabalhar essa interdisciplinaridade entre literatura e cinema pretende trazer novas discussões e novas perspectivas sobre as duas áreas. Pois, segundo Umberto Eco (1997, pg. 53): “A pesquisa deve dizer sobre o objeto coisas que não tenham já sido ditas ou rever com uma óptica diferente coisas que já foram ditas”

Os romances de Thomas Harris infelizmente possuem poucos estudos dentro do meio acadêmico, embora seu personagem principal já seja reconhecido popularmente. Seus romances possuem uma beleza poética em muitos momentos, que se fundem com uma narrativa frenética e cheia de temas que ficam na interpretação do leitor.

Red Dragon foi publicado em 1981, época em que romances com a temática suspense ou terror começavam a ser amplamente produzidos no contexto da literatura norte-americana. São livros que abordam o psicológico, trazendo personagens complexos e, muitas vezes, intrigantes, o que instiga o leitor, que está constantemente buscando o novo, o diferente.

O personagem Hannibal Lecter é conhecido popularmente por sua representação cinematográfica feita por Anthony Hopkins e Mads Mikkelsen. Trabalhar com a obra literária e audiovisual no meio acadêmico se mostra importante para trazer leitores para as pesquisas pretendidas. Fãs buscam constantemente conteúdos aprofundados sobre suas obras favoritas, então é importante que pesquisas como essas sejam desenvolvidas, tanto para contribuir com esses leitores, quanto para entender o porque da fama de certos personagens, ou tramas.

1.2 METODOLOGIA

No trabalho proposto, o ponto de partida da metodologia se dá com a leitura e compreensão dos textos literários de Thomas Harris, *Red Dragon* (1981), assim como assistindo e compreendendo as três temporadas do seriado *Hannibal* (2013), de modo a esclarecer aspectos como estruturação, tema e, principalmente, apresentação e representação dos personagens e seu desenvolvimento. Além disso, em um momento inicial, busca-se compreender as origens das duas obras, assim como a cultura na qual estão inseridas. Esse primeiro ímpeto de entender as ideias das obras e a maneira como foram produzidas terão como objetivo depreender a lógica pela qual elas foram produzidas.

Para o aporte teórico, serão pesquisados textos nos quais a teoria do duplo e suas variantes são encontradas. Com isso, será estabelecido um referencial teórico, que servirá de base para a análise proposta.

Tendo em mãos os textos teóricos e as obras já examinadas, a pesquisa parte para a análise propriamente dita, que é o foco do trabalho. Relacionar as obras, tanto a literária, quanto a televisiva, com a teoria do duplo. Partindo dessa relação, será feita uma comparação, em formato de texto analítico e argumentativo, para notar a maneira que a teoria do duplo é trabalhada dentro das obras.

1.3 – REFERENCIAL TEÓRICO: O DUPLO E SUAS DEFINIÇÕES

A teoria do duplo constitui o referencial teórico central a partir do qual será realizada a pesquisa. É um estudo psicológico, no qual se estudam as ramificações que o *eu* psicológico pode criar. Nesse caso, nos personagens criados por Thomas Harris em *Red Dragon* e, principalmente, em sua representação dentro da série *Hannibal*.

Quando a temática do duplo é abordada, alguns elementos se destacam entre as discussões, entre eles estão o reflexo, a morte e a perda de identidade. Esses elementos foram teorizados de diferentes formas desde que o duplo começou a ser estudado, quando apareceu pela primeira vez no conto de Hoffmann “O homem de areia”. Essas diferentes formas de se abordar a temática do duplo serão agora apresentadas, para posteriormente serem utilizadas para a análise pretendida.

Uma primeira definição, que apresenta uma noção geral sobre a teoria em questão, retirada do E-Dicionário de Termos Literários, de Carlos Ceia, diz o seguinte:

O conceito mais comum relativamente ao duplo é que este é algo que, tendo sido originário a partir de um indivíduo, adquire qualidade de projecção e posteriormente se vem a consubstanciar numa entidade autónoma que sobrevive ao sujeito no qual fundamentou a sua génese, partilhando com ele uma certa identificação. Nesta perspectiva, o *DUPLO* é uma entidade que duplica o “eu”, destacando-se dele e autonomizando-se a partir desse desdobramento. Gera-se a partir do “eu” para de imediato, dele se individualizar e adquirir existência própria. (E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS, 2009)

Com essa primeira teorização, entende-se o duplo como uma espécie de entidade criada por um indivíduo e que se torna independente dele. É uma duplicação daquele *eu* criador. A criação desse *eu* pode se dar por inúmeros motivos, vindos da necessidade daquele que o cria.

Segundo Otto Rank (2013), que teoriza sobre o duplo:

O sintoma mais evidente desse estado psíquico parece ser um forte senso de culpa que obriga o herói a não assumir a responsabilidade de certos atos de seu ego, mas sim transferi-la a um outro Eu, um duplo, que personifique o próprio diabo ou que seja criado por um pacto diabólico.

Essa caracterização do duplo como produto do medo ou da culpa é bastante comum na literatura. Em *O retrato de Dorian Gray* isso fica bastante evidente. Enquanto vive uma vida cheia de pecados e escolhas ruins, nenhuma marca pode ser notada em Dorian Gray; enquanto isso, seu quadro, pintado por seu amigo, sofre todas as alterações físicas, que são consequência das ações daquele que serviu de modelo para ele. O quadro é o duplo de Dorian Gray, resultado de uma súplica feita pelo próprio personagem para que nunca envelhecesse e nunca perdesse sua beleza:

Como é triste! Eu vou ficar velho e horrendo e medonho. Ele jamais envelhecerá além deste dia de junho... Se pudesse ser diferente! Se eu permanecesse sempre jovem e o retrato envelhecesse! Por isso -por isso- eu daria tudo! Sim, não há nada em todo o mundo que eu não daria! Daria a minha alma por isso! (WILDE, 2012, pg.35)

O quadro, a partir desse momento, passa a ser seu duplo, sendo resultado de uma súplica do próprio criador. Embora não saiba ainda que seu pedido foi atendido, o desejo de tornar seu quadro em seu duplo que sofrerá as intempéries da vida, é consciente.

No conto “O homem de Areia” de A.T. Hoffmann, o medo também é o impulso para a criação da figura do duplo e é a primeira manifestação da formação dessa entidade na literatura.

A teoria do duplo propõe um *eu* fragmentado e que se torna visível, parecido com o original. Em Hannibal, essa fragmentação aparece com bastante frequência. Embora contrastem em muitos aspectos, uma das faces de Will parece refletir exatamente o que Hannibal é, fazendo com que ele seja, assim, seu duplo. Com a análise da série, é possível perceber que, com o recurso visual, torna-se mais fácil salientar certos aspectos ou esconder alguns em detrimento de outros. Na perspectiva de Otto Rank, a obra cinematográfica torna mais fácil entender e ver a teoria do duplo:

Talvez daí resulte que a representação cinematográfica, que em vários aspectos imita a dinâmica dos sonhos, também expresse, em uma clara e significativa linguagem pictórica, certos fatos e relações psicológicas que o autor geralmente não pode colocar em palavras acessíveis, e, com isso, facilita-nos o acesso à sua compreensão. (RANK, 1925, p.10)

Uma representação cinematográfica oferece diversos recursos visuais, que o leitor não tem acesso. O leitor utiliza apenas a imaginação para criar imagens fantásticas e oníricas. O cinema é capaz de fazer isso através de efeitos visuais, jogos de câmera, cores, fotografia, entre outros.

Outro tema que é intrínseco ao aspecto do duplo é a morte, sendo essa, o resultado do assassinato do duplo, que na verdade constitui o próprio suicídio do criador desse duplo:

O assassinato frequente do duplo, através do qual o herói procura se proteger definitivamente das perseguições de seu ego, é na verdade um suicídio – e isso sob a forma indolor de matar um outro Eu: uma ilusão inconsciente de separação de um Eu mau, punível, que, aliás, parece ser uma condição prévia de qualquer suicídio. O suicida não é capaz de eliminar o medo da morte decorrente da ameaça ao seu narcisismo através de uma anulação direta. Ele recorre apenas a uma possível libertação, o suicídio, mas é incapaz de realizá-lo de outra forma que não a do fantasma de um temido e odiado duplo, porque ele ama demais o seu Eu para causar-lhe dor, ou para admitir a ideia de sua eliminação na prática... o duplo se revela como manifestação de um estado psicológico de qual o indivíduo não pode libertar-se daquela fase do desenvolvimento em que o eu se ama narcisisticamente. Ele volta a confrontá-lo sempre, em todos os lugares, e inibe suas ações em uma determinada direção. (RANK, 1925, pg. 133)

Aquele que cria o duplo não consegue desassociar-se da ideia de estar sendo perseguido por seu duplo, desejando assim, matá-lo. Mas não pode matá-lo sem matar a si mesmo. A perseguição do duplo estará sempre na sombra daquele que o criou, e essa perseguição acaba por se tornar insuportável, fazendo com que ele não consiga mais viver com aquela sombra. A forma como esse eu psíquico sempre volta a confrontar seu

duplo evidencia uma obsessão por parte do *eu* com aquele que é seu duplo. Otto Rank ainda fala sobre essa esfera da morte dentro da teoria:

O impulso de se ver livre do sinistro adversário de forma violenta faz parte, conforme vimos, dos traços essenciais do motivo, e quando se cede a esse impulso... fica patente que a vida do duplo está intimamente ligada à da própria pessoa. (RANK, 1925, pg. 32)

Partindo para a esfera do espelho/reflexo, é interessante trazer o estudo de Lacan (1998) sobre o assunto, que se chama “O estádio do espelho como formador da função do eu”. Nesse estudo, Lacan fala sobre o processo de identificação e reconhecimento que uma pessoa tem ao ver seu reflexo:

A função do estádio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade – ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* [mundo interior] com o *Umwelt* [mundo circundante]. (LACAN, 1998, pg. 101)

Nesse estudo, Lacan fala sobre um processo comum de todas as crianças, o de reconhecer a própria imagem em frente ao espelho. Com esse aparentemente simples gesto, a criança tem um primeiro contato com sua imagem, e há uma identificação nesse processo, pois a criança se reconhece e se vê em meio a outros elementos do espaço em questão.

A imagem refletida deve registrar uma cópia idêntica àquele que está em frente ao espelho. Porém, quando se trata do duplo e suas ramificações, a imagem do espelho pode assumir outras formas. A pessoa atormentada pode ver uma representação de seu psicológico fragmentado e incerto no reflexo. Essa deformidade na imagem, que alude ao problema do duplo, também está presente no estudo de Otto Rank, em uma passagem em que ele comenta um conto de Ferdinand Raimund intitulado “O Rei dos Alpes e o inimigo dos homens”:

De especial interesse para nós, é um resíduo do motivo do espelho, que alude ao significado intrínseco do duplo. No auge da loucura, logo antes da fuga de casa e da família, Ruppelkopf se vê no alto espelho de parede de seu quarto; ele não suporta a visão do seu rosto e “quebra o espelho com os punhos cerrados”. Em um alto espelho de parede na casa de Ruppelkopf fica visível então o rei dos Alpes, que mais tarde aparece como duplo. (RANK, 2013, pg.33)

A visão que esse *eu* tem de si mesmo no espelho está distorcida. Ele não vê apenas a si mesmo, mas também seu duplo. Ele não reconhece mais apenas sua própria identidade no espelho, como teoriza Lacan. Ele vê outro em si.

O duplo é um *eu* criado por uma mente atormentada, ou uma fragmentação dessa mente. Esse *eu* é normalmente colocado em oposição àquele que o cria, porém é semelhante a ele em quase todos os aspectos. O duplo costuma ser uma projeção do que seu criador não aceita em si, como uma sombra que carrega seus fardos, mas que sempre o persegue, gerando um conflito entre eles, no qual é comum haver um desfecho trágico.

2 APÉRITIF: O DRAGÃO VERMELHO, CRIAÇÃO DE THOMAS HARRIS

Red Dragon é um dos primeiros livros publicados por Thomas Harris, e o primeiro a mostrar o personagem agora popularmente conhecido Hannibal Lecter. Thomas Harris é escritor, roteirista e jornalista, e trabalhou por muitos anos no jornalismo criminal.

Em *Red Dragon*, é apresentado pela primeira vez o canibal Hannibal Lecter, que veio a ser o personagem mais conhecido criado pelo autor. Embora ele não seja um personagem central no romance de Harris, suas participações trazem sempre diálogos icônicos, que são essenciais para o desenrolar do enredo, assim como são essenciais para a pesquisa pretendida neste trabalho.

O personagem principal no qual a história é centrada é Will Graham, um agente aposentado do FBI após a captura traumática de Hannibal Lecter, da qual Will saiu muito lesionado. Will Graham mora agora em uma casa na praia, com sua esposa Molly e o filho de sua esposa, Willy, levando uma vida tranquila, longe do FBI, do crime e de Hannibal Lecter. Sua paz é abalada quando Jack Crawford, chefe do FBI, vai à sua casa em busca de ajuda para capturar um psicopata que já vitimou duas famílias. Crawford quer a ajuda de Will pois, segundo ele, Will pensa de maneira especial.

A mentalidade de Will é um dos pontos centrais do livro, pois acompanhamos os acontecimentos sob seu olhar, sua perspectiva, que apresenta um bom panorama do que acontece tanto em sua mente, quanto fora dela. O que Will faz, que o torna tão diferente dos outros agentes, é entrar na mente do assassino, sendo capaz de se colocar em seu lugar e, com isso, capturá-los. Essa sua habilidade torna-o o melhor detetive do FBI, embora ela também faça com que o personagem tenha sempre seu psicológico

atormentado. Esse dom atribuído a Will Graham é explorado de modo sutil na narrativa, na qual somos apresentados a seus pensamentos em diversos momentos e percebemos que sua maneira de pensar é diferente e causa certo estranhamento e desconforto, tanto para ele quanto para outros personagens.

Graham tinha muitos problemas de gosto. Frequentemente, seus pensamentos não eram de bom gosto. Não havia compartimentos estanques em sua mente. O que ele via e aprendia misturava-se com tudo mais. Algumas dessas combinações era de difícil convívio. Mas não podia prevê-las, bloqueá-las e reprimi-las. Seus valores de decência e decoro prosseguiam, chocados com suas associações, apavorados com seus sonhos; uma pena que na arena de ossos do seu crânio não houvesse fortalezas para o que ele amava. Suas associações chegavam com a velocidade da luz. Seus julgamentos de valores mantinham-se sempre no passo de uma leitura correspondente. Nunca conseguiram segurar e dirigir seu pensamento.

Encarava sua própria mentalidade como grotesca, porém útil, como uma cadeira feita de chifres. Não podia fazer nada.” (HARRIS, 2018, p.26-27)

Na passagem supracitada, acompanha-se, a partir da visão do narrador, a percepção que Will tem do que ocorre em sua mente confusa. O personagem sabe que sua mente cria certas associações que nem sempre são boas, e que nela, tudo isso se funde, sem separação entre coisas boas e coisas ruins.

A narrativa segue, acompanhando ora os acontecimentos pela perspectiva de Will Graham, e posteriormente, tem-se a visão do assassino das famílias, que se auto intitula O Dragão Vermelho, como referência à uma pintura de William Blake: *O Grande Dragão Vermelho e a Mulher Vestida de Sol*, pintada entre 1805 e 1810. O verdadeiro nome do assassino é Francis Dolarhyde, e ele acredita ser uma representação viva do Dragão Vermelho, e estar sob seu domínio e suas vontades. Acompanha-se ainda o passado de Dolarhyde, assim como a maneira com que se sustenta e se desenvolve sua loucura. Dolarhyde foi uma criança abandonada por seus pais e também sofreu abusos de sua avó desde pequeno.

Outra aparição de muita importância na narrativa é a de Hannibal Lecter, sobre o qual Thomas Harris faz o seguinte comentário em uma entrevista, ao falar sobre o processo de escrita do *Red Dragon*:

Do lado de fora eu era invisível, do jeito que sempre sou para meus personagens quando estou em um cômodo com eles enquanto decidem seus destinos com pouca ou nenhuma ajuda minha...Estava desfrutando de minha imunidade habitual enquanto escrevia, invisível para Graham e os funcionários, mas não me sentia confortável na presença do Dr. Lecter. Não estava certo de que ele não podia me ver. (HARRIS, 2018, p.7)

Percebe-se que Thomas Harris procura humanizar seus personagens, mostrando como eles sozinhos tomam suas próprias decisões e têm suas próprias percepções. Assim, ele coloca o autor como observador da história, esperando seu desenrolar natural, sofrendo com os personagens e recebendo a carga de suas personalidades.

Hannibal Lecter, icônico personagem criado por Thomas Harris, tornou-se uma figura conhecida popularmente, principalmente por sua máscara e sua dieta canibal. O Dr. Lecter é um psiquiatra, com gostos refinados em todos os aspectos de sua vida. Sua alimentação inclui carne humana, a qual serve secretamente para seus convidados em luxuosos jantares.

Em nenhum momento do livro acompanhamos essa vida de Lecter. Sabemos dela pela visão de outros personagens. Em *Red Dragon*, Hannibal Lecter já se encontra preso, tendo sido capturado por Will Graham. Will sente-se na obrigação de buscar a ajuda do doutor na prisão, para que ele o ajude a capturar o assassino. A interação que ocorre entre Will e Hannibal é tensa, na qual Hannibal tenta desvendar o que está ocorrendo na vida de Will e Will tenta fugir da influência que Hannibal é capaz de causar em seus pensamentos.

Ao sair de sua primeira visita da prisão, Will é tomado pela sensação de que Hannibal Lecter saiu com ele, como é possível ver na seguinte passagem: “Teve a sensação absurda de que Lecter saíra com ele. Parou na parte externa da entrada e olhou em volta, para ter certeza de que estava só.” (HARRIS, 2018, p.80). Percebe-se que Hannibal tem considerável poder sobre a mente de Will, assim como Will claramente desperta o interesse de Hannibal, provavelmente por ele ser seu captor, quando antes ninguém teve a mesma sorte em tentar capturá-lo.

O enredo segue freneticamente na tentativa de desvendar o assassinato das duas famílias e Will Graham envolve-se cada vez mais, além de sua família também ser colocada em perigo. Isso faz com que ele mande sua família para um lugar mais seguro. Porém segredos de seu passado começam a ser revelados, do período em que ele matou Garrett Jacob Hobbs em uma investigação, sendo internado em um hospital psiquiátrico depois disso, por não saber como superar essa situação.

A história termina tragicamente, com o dragão vermelho sendo capturado e morto, mas com Will Graham sofrendo danos profundos, além dos que já possuía. O final é desesperançoso, com Graham atormentado por seus pensamentos e afastado de sua família, tudo como consequência do que Hannibal faz.

3 ENTRÉE: A SÉRIE *HANNIBAL* E SUAS PARTICULARIDADES

A série intitulada *Hannibal*, produção da NBC, produzida por Bryan Fuller, é uma das últimas adaptações para a plataforma audiovisual feita dos livros de Thomas Harris. Tendo como título o nome do personagem mais conhecido de suas obras, a série conta a história anterior a *Red Dragon* em sua maior parte, quando Hannibal Lecter ainda não estava preso e sua relação com Will Graham se estabelece e se desenvolve.

A série está dividida em três temporadas, contendo cada uma 13 episódios, nos quais torna-se possível um maior aprofundamento psicológico e um maior envolvimento do espectador com a história que está sendo contada e com seus personagens. As temporadas se estruturam de maneiras diferentes, sendo a primeira mais voltada para um estilo criminal, onde em cada episódio há um novo crime a ser desvendado. A segunda temporada apresenta um maior aprofundamento psicológico dos personagens e uma trama mais centrada para um curso específico, embora ainda utilize a técnica de série investigativa, com crimes a serem desvendados eventualmente. Já a terceira temporada assume um tom mais sombrio, na qual o passado dos personagens é desenterrado. Essa última temporada também se passa em lugares diferentes das anteriores, o que causa uma mudança significativa na fotografia que a série anteriormente apresentava.

Na primeira temporada, são apresentados os personagens que acompanham a trama até o final, direta ou indiretamente. O personagem principal é Will Graham (Hugh Dancy), professor na Academia do FBI, que logo vem a ser um agente especial do FBI, sob as ordens de Jack Crawford (Laurence Fishburn) e sob a terapia de Hannibal Lecter (Mads Mikkelsen). Além desses, outros personagens muito importantes que já aparecem nessa primeira temporada são Alana Bloom (Caroline Dhavernas) e Abigail Hobbs (Kacey Rolh).

Em sua maior parte, a série se passa em Maryland e Virgínia. A história se inicia quando Jack Crawford, chefe do FBI, entra na sala de Will Graham para pedir ajuda para desvendar uma série de assassinatos que estão ocorrendo na região. Desde esse primeiro contato com Will, os outros personagens e o espectador percebem a instabilidade desse personagem. Para que ele não seja afetado psicologicamente pelo que vier a acontecer nas investigações, Crawford o deixa sob os cuidados do psiquiatra Hannibal Lecter, e assim se inicia a relação entre esses dois protagonistas. No primeiro

caso em que é envolvido, ele mata o assassino em questão, Garrett Jacob Hobbs, um canibal que assassinava garotas parecidas com sua filha. Após matar Hobbs, Will sente-se responsável pela segurança de sua filha, Abigail. Ele e Hannibal assumem uma posição paterna em relação a ela.

A trama se desenvolve com Will desvendando os mistérios dos assassinatos e indo à terapia de Hannibal Lecter. Will começa a adoecer na medida em que os assassinatos se tornam mais obscuros e ele é atormentado por ter matado Garrett Jacob Hobbs. Ele passa a ter muita febre, dores de cabeça, perdas de memória e noção de tempo, até alucinações. Isso o torna uma espécie de bomba relógio para cometer algum crime, do qual ele realmente acaba sendo acusado ao final da primeira temporada. A primeira temporada segue uma organização própria de séries criminais, em que cada episódio apresenta um novo crime, um novo assassinato, que é investigado pela equipe do FBI e pelo Hospital de Baltimore para criminosos insanos.

A relação que se estabelece entre Will e Hannibal ainda nessa primeira temporada é uma relação de reconhecimento, de adaptação a uma nova pessoa, a essa nova amizade que se estabelece. Will não tem consciência ainda da influência que Hannibal tem sobre sua personalidade, sobre seu psicológico, assim como não tem consciência do perigo que a terapia e os métodos utilizados por Hannibal têm sobre ele. A doença de Will se desenvolve cada vez mais sob a observação de Hannibal.

A partir da segunda temporada, a intensidade da série aumenta. As relações se tornam cada vez mais obscuras e cheias de jogos mentais. É possível perceber uma transformação muito significativa em Will Graham nesse processo de conhecer Hannibal Lecter. Ao descobrir a verdadeira natureza de Hannibal, Will almeja vingança e justiça, embora não consiga mais se desvincular de Hannibal, com quem construiu uma relação. Há uma certa inversão dos papéis na segunda temporada, em que Will, um inocente, é preso por ser acusado de assassinatos que não cometeu; e Hannibal, um assassino, que ajuda o FBI nas investigações, assumindo o lugar de Will.

Essa segunda temporada se divide em duas partes. A primeira acompanha a passagem de Will pela prisão, quando ele usa de todos os meios possíveis para atingir Hannibal lá de dentro. A segunda parte conta com Will já liberto, retomando, para a surpresa de todos, a terapia com Hannibal. E nesse momento há uma maior aproximação entre os dois protagonistas, que desenvolvem uma amizade incomum. Seus encontros começam a ter cada vez mais conversas obscuras, que deixam muitas confissões implícitas. Todos os seus diálogos passam a ter um sentido oculto, que está

claro apenas para os dois. Essa relação se desenvolve e se torna quase romântica em alguns momentos, como quando Hannibal sugere que os dois fujam juntos.

Will passa a trabalhar como um agente duplo, mantendo uma relação cada vez mais profunda com Hannibal, mas ainda trabalhando para o FBI para capturar o assassino, que ele sabe ser Hannibal. Sua situação como agente duplo se torna complicada, pois ele não deixa de ser afetado por sua relação com Hannibal, que cada dia o influencia mais e aos poucos muda sua forma de pensar.

Novos personagens são apresentados na segunda temporada. Um dos mais característicos é Mason Verger, que é um criador de porcos que tem um comportamento, para Hannibal Lecter, rude. Mason Verger é um personagem desprezível em todos os aspectos. Suas atitudes são sempre maldosas, principalmente quando se trata de sua irmã Margot. Margot passa a fazer terapia com Hannibal e, a partir disso, conhece Will, com quem tem um envolvimento romântico. Disso, resulta uma gravidez. Will se encontra na posição paterna novamente, agora de um filho seu, depois de uma primeira experiência desastrosa, quando quis ser como um pai para Abigail. Dessa vez, não é diferente pois, graças às atitudes de Hannibal, o irmão de Margot descobre a gravidez e, vendo uma ameaça à sua posição de herdeiro, interrompe a gravidez de maneira trágica.

Ao iniciar a terceira temporada, é possível perceber uma atmosfera totalmente diferente da que se tinha antes. Primeiramente, a história se inicia em países da Europa, enquanto as outras temporadas se passavam na América. A atmosfera que se cria se assemelha muito a cenas de filmes de terror. Quando Will vai até a Lituânia, ele caminha em meio a florestas na neblina, visita o cemitério onde está enterrada a irmã de Hannibal. A casa da família de Hannibal, a qual Will visita na Lituânia, se assemelha muito a um castelo medieval abandonado envolta sempre em neblina, com plantas crescendo pelos portões. Junto a isso, a música que toca auxilia na atmosfera de tensão e terror.

É apresentada também uma nova face de Hannibal, e são evidenciadas novas habilidades dele. Ele não trabalha mais como terapeuta. Agora é um curador em um espaço cultural na Itália, tendo como estudo a obra de Dante Alighieri. Ele assume essa nova vida, tentando se estabelecer, ao lado de sua própria terapeuta Bedelia DuMaurier (Gillian Anderson), a quem levou junto para essa nova vida.

Hannibal e Will agora estão em lugares diferentes, com Will ainda se recuperando de seu encontro anterior a Hannibal, no qual quase morreu. Nesse último

momento em que se encontram, Hannibal sente que foi traído por Will, e Will sente uma espécie de culpa por ter traído aquele que agora considera seu amigo. A partir desse momento, decide descobrir a verdade por trás de Hannibal.

Hannibal, que está refugiado em Palermo, na Itália, não demora a começar a matar novamente, chamando novamente a atenção da polícia do país. E nesse momento, outros fragmentos da história de assassinatos de Hannibal começam a surgir. Rinaldo Pazzi, investigador de Florença, estava no rastro de Hannibal 20 anos antes, conhecendo a figura de Hannibal como *Il Monstro* ou Monstro de Florença, quando o assassino utilizava os corpos das vítimas para recriar cenas de grandes pinturas de Botticelli. O novo corpo que Hannibal deixa, que chama a atenção da polícia, foi deformado pelo assassino e assume o formato de um coração. Quando Will vai para Palermo, sabe que aquele coração foi deixado para ele. E Pazzi e Will descobrem que estão atrás da mesma pessoa.

O que também adquire um novo nível de terror nessa terceira temporada são as recriações de cenas de crime que Will faz. Elas se tornam ainda mais vívidas e perturbadoras. Uma cena característica disso é a recriação que ele faz do corpo dobrado até se tornar um coração. Enquanto analisa a cena, sua imaginação divaga e imagina aquele coração se deformando e tomando a forma de um cervo feito de partes de um corpo humano, e esse cervo caminha em sua direção. Essa cena é bastante perturbadora, uma mutação digna de um filme de terror.

Assim como a segunda temporada, a terceira temporada está dividida em duas partes. A primeira parte constitui a busca de Will por respostas sobre Hannibal e acompanha-se a nova vida dos personagens, assim como sua volta para Baltimore posteriormente, onde eles encontram novamente a figura de Mason Verger, que planeja se vingar de Hannibal. Posterior a isso, tem-se o momento em que Hannibal é preso, e nesse momento há uma quebra na história. Passam-se três anos. E, a partir desse momento, é introduzida a história do dragão vermelho, a qual perdura até o final da temporada e insere a história principal tratada no livro *Dragão Vermelho*.

4 *BON APPÉTIT: O DRAGÃO VERMELHO E SUA RECRIAÇÃO EM HANNIBAL*

No livro, Will é um personagem que leva uma vida aparentemente comum como mecânico no litoral da Flórida, aposentado de seu serviço no FBI após ter capturado o

canibal Hannibal Lecter, que o esfaqueou no abdômen quando foi capturado. Will é caracterizado, tanto no livro quanto na série, como um homem de hábitos simples, mas psicológico complexo.

A série se passa antes de Will Graham ter capturado Hannibal, quando Jack Crawford chama-o para resolver uma série de desaparecimentos de garotas. Ambas as obras analisadas iniciam-se com Jack Crawford tirando Will de uma vida tranquila. No livro, como mecânico depois de aparentemente já ter se recuperado de seu trauma com Hannibal. E no seriado, em sua vida de professor. Will é apresentado ao psiquiatra Hannibal Lecter por Jack, para que Will tenha um acompanhamento enquanto estiver trabalhando em campo, pois ele é considerado instável.

Hannibal, tanto no livro quanto na série, é apresentado como um psiquiatra muito sofisticado, respeitável e até mesmo carismático e amigável. Provavelmente é um dos personagens que menos sofrem alterações de uma obra para outra. O que o seriado faz é explorar essas qualidades de maneiras diferentes e talvez até mais abrangentes, apresentando suas comidas sofisticadas como uma espécie de show culinário a cada episódio, ou sua casa, suas roupas, além da atuação de Mads Mikkelsen. O que também merece destaque é o protagonismo que Hannibal recebe na série, diferente do que ocorre no livro. Em *Red Dragon*, Hannibal é um personagem que aparece mais para auxiliar no caso do dragão vermelho, mas em suas aparições sempre causa algo de extraordinário, como mandar o endereço da família de Will para o assassino, ou deixar Will ainda mais perturbado, lembrando-o de seu passado.

A história de Garret Jacob Hobbs, a quem Will mata durante uma investigação, é apenas comentada no livro, mas fica claro que ela foi traumática para Will, ele foi internado depois disso. Na série, a morte de Hobbs é o estopim para que Will se torne esse personagem dúbio quando se trata da morte.

Na obra literária, há certa tensão vinda de Will quando visita Hannibal na prisão, porém há poucas menções de sua relação anterior; essa tensão pode vir do fato de ele ter sido ferido por Hannibal, por exemplo. Ao sair da prisão, ele parece estar confuso sobre como se sente após ver Hannibal, se bem ou mal: “Sentia-se entorpecido e ao mesmo tempo receava deixar esse estado de entorpecimento.”(HARRIS, 2018, p.80) No seriado, a prisão de Hannibal ocorre apenas na temporada final, quando a relação entre os dois já foi amplamente explorada. Há uma verdadeira e justificada tensão na cena, em que cada movimento, cada olhar e cada palavra parecem carregar um significado.

Quando ocorre a prisão de Hannibal no seriado, Will conhece Molly e Willy, assim como nos livros, embora o ambiente mude drasticamente de uma obra para a outra: sua casa fica em um lugar frio, onde há muita neve, não no litoral, como no livro. Essa escolha de Bryan Fuller de mudar o ambiente de um Will pós-Hannibal no seriado parece ser justificável, pois seria improvável imaginar Will em um lugar como uma praia ensolarada, depois de seu envolvimento e todas as mudanças que ocorreram nele depois de Hannibal. O ambiente parece refletir, de certa forma, o que Will se tornou. Ele absorveu muito do que Hannibal é, tornando-se, em certos aspectos, parecido com ele.

No livro, Hannibal faz “jogos” com Will, mandando o assassino atrás dele e de sua família, fazendo com que o papel de bom e mau fique bem claro. É esperado de Hannibal uma atitude hostil, assim como se espera de Wil uma atitude boa. No seriado, essa brincadeira torna-se mútua entre ambos, quando Will descobre quem Hannibal é. Não fica mais claro se Will é apenas um bom agente da lei, nem mesmo se Hannibal tem apenas um lado mau. Na cena final da segunda temporada, onde Hannibal mata Abigail e esfaqueia Will, ele se mostra magoado, querendo que seus destinos tivessem sido diferentes. Quanto ao Will, ele avisa Hannibal que o FBI sabe o que ele é, fazendo exatamente o que Hannibal fez na primeira temporada, avisando Hobbs que descobriram sobre ele. Will se torna, parcialmente, aquilo que Hannibal esperava dele.

Com um total de três temporadas, houve um tempo maior para desenvolver a história criada por Thomas Harris. O desenvolvimento de certos personagens se torna ainda mais complexo e carregado de significados. Will é um personagem complexo, que apresenta uma dualidade tanto no livro quanto na série. No livro, de forma mais sutil, também está presente. Desde o início, há uma dualidade na maneira que ele pensa. Essa dualidade tende para o “lado bom” no início, quando ele usa sua habilidade de pensar no lugar do assassino. É a habilidade especial pela qual o FBI precisa dele. Ele expressa constantemente sua dificuldade de separar suas experiências pessoais de suas experiências em campo, quando está pensando como o assassino.

O que ocorre na série é um maior aprofundamento dessa sua habilidade. Nela, as cenas em que Will se coloca na posição do assassino, acompanha-se esse processo visualmente. É possível vê-lo matando da mesma maneira que o assassino. Após algumas demonstrações dessa sua habilidade, se torna difícil saber se Will está apenas reproduzindo o pensamento do assassino, ou se esses pensamentos são dele mesmo.

Outra característica que acompanha Will, tanto no livro, quanto na série, são seus pesadelos excessivamente reais, que misturam alucinações e que causam sempre dores de cabeça e febre:

“Acordou uma hora depois, rígido e suado, vendo a silhueta do outro travesseiro contra a luz do banheiro. Era a Sra. Leed deitada a seu lado, ferida e arranhada, olhos abertos com sangue escorrendo para as têmporas e ouvidos como hastes de óculos. Não pôde virar a cabeça para encará-la. Com o cérebro apitando como uma sirene de incêndio, pôs a mão em cima dela e tocou o lençol ceco.” (HARRIS, 2018, p. 29)

O personagem Hannibal, que no livro tem pequenas participações, embora sempre fantásticas, na série pôde ser ainda melhor explorado. Sabe-se, ao ler *Dragão Vermelho* e outras das obras de Harris em que esse personagem aparece, que ele era um médico psiquiatra muito bem sucedido e um ótimo cozinheiro. Suas habilidades artísticas e gosto por música clássica também são características comentadas. Porém, ele já está preso e o que se sabe dele são histórias de seu passado. Ao ver a série, temos acesso a sua vida anterior à prisão. Bryan Fuller, produtor do seriado, apresentou um Hannibal fora da prisão, exibindo sua vida anterior das quais o leitor não tem detalhes. Sua profissão como psiquiatra, sua fascinação culinária, seu gosto artístico e principalmente sua atividade como assassino, são explorados de maneira detalhada.

Outra característica interessante de se notar ao fazer uma análise de *Hannibal* enquanto adaptação, é a escolha de fazer certas mudanças nas características de alguns personagens. Somos apresentados a outros personagens na narrativa, dos quais não há uma descrição e esses personagens vêm a ter uma representação interessante na série. Nota-se um cuidado por parte de Bryan Fuller em trazer representatividades na série, inserindo personagens negros, LGBTQIA+ e maior quantidade de personagens femininas.

Dispondo de uma quantidade considerável de personagens, Fuller altera suas características para ter um grupo de personagens bastante diversificado, como transformando o personagem Alan Bloom em Alana Bloom, além de colocá-la como uma personagem que possui uma sexualidade não-binária. Transforma também o homem Freddie Lounds em uma mulher homônima. Jack Crawford, chefe da agência do FBI, é representado por um homem negro, assim como sua mulher é negra. Nos papéis principais, a sexualidade de Will e Hannibal também é passível de ser analisada. Sendo apresentados no início como personagens que seguiam certa

heteronormatividade, após algum tempo é possível começar a ver uma certa tensão romântica/sexual entre ambos.

A história central do livro *Dragão Vermelho*, na qual se desenvolve a história do assassino Francis Dolarhyde, é desenvolvida no seriado apenas nos últimos episódios da terceira temporada, acompanhando o desfecho da trama desenvolvida no decorrer da série. Enquanto o final do livro mostra o “dragão” perseguindo Will e sua família, depois de forjar a própria morte, na série há um acordo entre o “dragão” e Will para matar Hannibal. Porém, no momento em que o assassino vai atrás de Hannibal, Will o protege. Após juntos matarem Dolarhyde em uma disputa que quase levou a morte de todos, Will decide tirar a vida de Hannibal e a sua junto, puxando os dois, já feridos, para o penhasco em que estão ao lado.

Ao observar a obra de Bryan Fuller, percebe-se que não é apenas feita uma adaptação da obra de Thomas Harris, mas sim uma recriação dos personagens com os quais ele trabalha. Essa recriação, utilizando a obra de Thomas Harris como base, abriu diversas outras possibilidades de leitura para esses personagens. A utilização de ideias periféricas do livro e de ideias novas próprias do criador da série, fizeram com que fosse possível uma leitura do duplo nesses personagens, objetivo deste trabalho.

Bryan Fuller faz também a utilização das outras obras de Thomas Harris, salvo as limitações dos direitos autorais. Diálogos inteiros foram retirados de *The silence of the Lambs*, *Hannibal* e *Hannibal Rising*. Essas passagens utilizadas dos outros livros evidenciaram ainda mais certos aspectos da complexidade dos personagens adaptados por Bryan Fuller. Para a análise dessas obras e sua adaptação na série de Bryan Fuller, trabalhos futuros serão realizados.

5 PLAT PRINCIPAL: O DUPLO COMO RESPOSTA À ADAPTAÇÃO

É possível perceber, em diversos momentos da narrativa, a presença de elementos que podem ser colocados como indicativos da presença do duplo, ou da ideia dele. O personagem Will Graham é visto por todos na narrativa como diferente, como alguém capaz de colocar-se como o outro, de fazer associações aparentemente impossíveis. Jack Crawford, quando o tira de sua vida tranquila na praia para auxiliar na captura de um novo assassino, evidencia essa sua habilidade dizendo, no diálogo que eles têm:

- Não acho que eu tenha muita utilidade para você, Jack. Nunca mais me preocupei com isso.
- Mesmo? Você pegou dois. Os dois últimos foi você quem pegou.
- Como? Fazendo a mesma coisa que você e os outros estão fazendo.
- Não é bem assim, Will. É a sua maneira de pensar.
- Acho Que tem havido muita conversa fiada sobre minha maneira de pensar.
- Você conseguiu coisas que nunca explicou. (HARRIS, 2018, p. 13)

Jack está constantemente lembrando Will de que ele pensa de modo especial, na tentativa de evidenciar que ele é a melhor chance do FBI para capturar os assassinos em série, pois foi ele quem prendeu os dois últimos assassinos pegos pelo FBI. Will sente-se relutante em deixar a vida tranquila com sua família, mas sabe que não conseguirá ter paz se os assassinatos seguirem acontecendo.

No segundo capítulo, são apresentadas diversas ocasiões em que a instabilidade e a complexidade de Will se tornam evidentes. Ao chegar à cena de crime pela primeira vez, Will experimenta uma sensação de desespero por retornar àquela situação:

“Graham subiu numa janela e sentou-se no parapeito. Abraçou os joelhos, sentindo a camisa fria colar-se em suas costas, e espirrou o cheiro de assassinato... Graham tinha muitos problemas de gosto. Frequentemente, seus pensamentos não eram de bom gosto. Não havia compartimentos estanques em sua mente. O que ele via e aprendia misturava-se com tudo mais. Algumas dessas combinações era de difícil convívio. Mas não podia prevê-las, bloqueá-las e reprimi-las. Seus valores de decência e decoro prosseguiam, chocados com suas associações, apavorados com seus sonhos; uma pena que na arena de ossos do seu crânio não houvesse fortalezas para o que ele amava. Suas associações chegavam com a velocidade da luz. Seus julgamentos de valores mantinham-se sempre no passo de uma leitura correspondente. Nunca conseguiram segurar e dirigir seu pensamento. Encarava sua própria mentalidade como grotesca, porém útil, como uma cadeira feita de chifres. Não podia fazer nada.” (HARRIS, 2018. p. 26)

O capítulo em que é mais evidente a presença implícita da ideia do duplo é o capítulo sete, no qual Will visita Hannibal na prisão. Nesse processo, percebe-se a influência que Hannibal exerce em Will, mesmo depois de anos desde a captura dele. Will sente seu estado psicológico invadido quando está na companhia de Hannibal, e sua presença na mente de Will é inevitável para ele. Em diversos momentos nesse capítulo, Hannibal fala como se visse Will como uma parte sua, ou como alguém semelhante, como nas seguintes passagens: “- Você veio aqui apenas para me ver. Para sentir o velho cheiro novamente, hein? Porque não cheira a si mesmo?” (HARRIS, 2018, p. 79), ou em: “- O motivo pelo qual me pegou é sermos *exatamente iguais*” (HARRIS, 2018, p. 80).

Hannibal vê Will como um semelhante, pois foi a única pessoa capaz de capturá-lo. Chilton, o responsável pelo hospital em que Hannibal está preso, fala para Will: “ – O senhor lhe é muito familiar. Ele pensa muito no senhor” (HARRIS, 2018, pg. 73). Há outra frase de Chilton que evidencia a maneira como Will parece ser capaz de compreender Hannibal, como ninguém foi capaz antes: “ – O consenso a respeito dele é que a única pessoa que demonstrou uma compreensão prática de Hannibal Lecter foi o senhor, Sr. Graham”(HARRIS, 2018, pg.74).

Outro aspecto interessante de se perceber é a maneira como Will parece não saber de que maneira se sente quando está perto de Hannibal, pois, mesmo parecendo desconfortável e apreensivo, ainda assim parece gostar dessa sensação: “Estava tonto e ao mesmo tempo temia perder a tontura” (HARRIS, 2018, p.80). Essa relação de dualidade acompanha Will sempre que ele está na presença de Hannibal, fazendo com que pareça que Will precisa esforçar-se muito para que Hannibal não o influencie: “Graham queria ver Dr. Lecter adormecido. Precisava de tempo para se concentrar. Se sentisse a loucura de Lecter na sua cabeça, teria de contê-la rapidamente, como uma hemorragia” (HARRIS, 2018, p.74)

Will também sabe que está suscetível aos métodos de Hannibal, pois mostra estar sempre tentando se proteger: “Graham sentiu como se Lecter estivesse lendo através do seu crânio. Sentia a atenção dele como uma mosca voando no fundo de sua cabeça” (HARRIS, 2018, p.76)

Ao sair da prisão, Will sente como se Hannibal ainda estivesse ao seu lado. É como se Will visse Hannibal em si: “Teve a sensação absurda de que Lecter saíra com ele. Parou na parte externa da entrada e olhou em volta, para ter certeza de que estava só” (HARRIS, 2018, p.80)

Observando essas passagens, é possível notar uma dualidade no personagem Will. Ele parece saber que é suscetível à influência de Hannibal, assim como está o tempo todo tentando lutar contra uma força interior que faz parte de sua natureza, porém não é aceita por ele.

O que ocorre no seriado produzido por Bryan Fuller é um aprofundamento nessa dualidade presente no personagem Will Graham. Will, desde o início, é posto como um personagem instável. E sua complexidade não é difícil de ser notada. Ao colocar-se no lugar do assassino, Will imagina-se matando. Essa sua imaginação aguçada acaba sendo posta em prática constantemente. Will passa muito tempo colocando-se no lugar do assassino, estando sob a terapia de Hannibal Lecter.

A primeira temporada, como já dito anteriormente, segue um padrão semelhante à outras séries criminais, em que cada episódio mostra um novo crime, e a equipe do FBI investigando. Em todos os crimes, Will vai até a cena de crime e lá é deixado sozinho pela equipe para recriar os passos do assassino. A primeira cena da série mostra uma de suas recriações. Usando a primeira pessoa, Will fala como se fosse o assassino:

WILL GRAHAM
I shoot Mr. Marlow twice,
severing jugulars and carotids
with near surgical precision.
He will die watching me take
what is his away from him.
This is my design.

Essa é a primeira frase da série, dita por Will Graham, quando está na cena de crime, recriando o assassinato. Essa reconstituição do crime é sempre seguida pela frase “This is my design”, que é dita repetidas vezes, da primeira até a última temporada.

O encontro de Will Graham e Hannibal Lecter acontece já no primeiro episódio, quando Jack chama Hannibal para acompanhar Will enquanto ele estiver trabalhando em campo para o FBI. O primeiro encontro dos dois se dá no escritório de Jack, e Will mostra-se muito desconfortável com a ideia de ter o acompanhamento terapêutico de Hannibal. Este, desde o primeiro momento, tenta ler o que se passa na mente de Will, assim como tenta aproximar-se dele. Will é visto pelos outros personagens da série, desde o início, como instável, pois parece estar constantemente desconfortável com a presença de outras pessoas e com o que acontece em sua volta. Suas habilidades como investigador também intrigam as pessoas à sua volta.

Há um contraste evidente entre os personagens Will e Hannibal. Esse contraste é explorado de maneira bastante clara na série. Will é um personagem descrito como instável, mostra-se sempre desconfortável em meio às pessoas, veste-se de modo modesto, sem chamar atenção para si. Ao contrário, parece tentar se esconder. A vida que tenta levar também é simples, em uma casa isolada, com seus cães, pescando e dando suas aulas na academia do FBI.



Figura 1: Hannibal, de Bryan Fuller. Temporada 1, episódio 1, “Apéritif.” Frame: 14’55.



Figura 2: Hannibal, de Bryan Fuller. Temporada 1, episódio 1, “Apéritif.” Frame: 25’27

Quando o personagem de Hannibal é apresentado, a imagem criada dele é quase totalmente oposta. Ele é um personagem muito amigável com as pessoas com quem se relaciona, e bastante querido por elas. Convida essas pessoas com bastante frequência para jantares em sua casa, nos quais serve comidas sempre surpreendentes; nota-se que o personagem preza por uma vida social ativa. Hannibal mantém sempre uma postura muito elegante. As roupas que usa estão sempre impecáveis, assim como sua aparência em geral. Sua casa é muito sofisticada, assim como tudo o que há nela. Até mesmo nos momentos em que comete seus crimes Hannibal mantém sua sofisticação.

Esse contraste é característico do problema do duplo, no qual este trabalho está debruçado. Will e Hannibal podem ser caracterizados como duas faces da mesma moeda, pois contrastam em suas aparências, porém se parecem em muitos aspectos no seu interior.

O que ocorre também é uma oposição entre quente e frio quando os personagens aparecem. Will sofre de febre durante toda a primeira temporada e está sempre encharcando suas roupas e sua cama de suor. Essa sensação de calor emanada por este personagem também se percebe em seu modo de vida. Sua casa com seus cães, que dormem com um aquecedor, e a luminosidade aconchegante que sempre há nela.

Isso pode ser percebido também na oposição das cores quentes e frias que caracterizam as características do ambiente desses personagens. As roupas que Will usa, assim como o ambiente de sua casa, são majoritariamente formados por cores quentes, como tons de marrom e amarelo. Já o que se percebe em Hannibal, é uma predominância de cores frias, como azul, principalmente.

E há também o contraste clássico entre ambos, de Hannibal como vilão, o assassino do qual estão atrás já desde o início da história, e Will como um agente especial do FBI, que seria encarregado de capturar os vilões. Esse é um contraste que, aos poucos, vai se desfazendo, quando Will está em um processo de tornar-se alguém semelhante a Hannibal.

Ao matar Garret Jacob Hobbs, o assassino que o FBI estava perseguindo, Will é atormentado por esse ato. Suas sessões de terapia do Hannibal começam e, nesses encontros, Hannibal tenta constantemente despertar em Will o desejo de matar, e tenta acostumá-lo com a ideia da morte. O primeiro momento em que a persuasão de Hannibal começa a fazer efeito é quando Will admite ter gostado do ato de matar. Nessa cena, Will mostra-se bastante agitado e fala hesitante, porém claro: “Eu gostei de matar Hobbs”.

A primeira temporada mostra Will sucumbindo à terapia de Hannibal. A cada momento, seu psicológico é mais tocado pelas palavras de encorajamento de seu lado sombrio. Will fica cada vez mais doente, assim como suas alucinações e pesadelos aumentam. Porém, ele demora a entender que essa piora em seu estado psicológico é consequência de Hannibal e sua influência.

Há uma cena do primeiro episódio da primeira temporada, na qual Hannibal liga para o assassino do qual estão atrás, e o avisa sobre a chegada do FBI, com a frase “They know.”. Hannibal dá ao assassino a chance de fugir. Essa sua ação é imitada por Will na segunda temporada, de maneira idêntica. Quando Jack está a caminho da casa de Hannibal. Will liga para ele dizendo a mesma frase, conscientemente imitando a primeira ocasião em que ela foi utilizada.

A partir da segunda temporada, a questão do duplo, que caracteriza esses dois personagens, de acordo com este trabalho, tem seu máximo desdobramento. Will, após ser injustamente condenado pelos crimes de Hannibal, é preso no hospital de mentes criminosas. Nesse momento, ele já está ciente de que os crimes foram cometidos por Hannibal, e então planeja sua vingança. Estando preso, não há muito que Will possa fazer, porém ainda assim encontra uma maneira de atingir Hannibal. Conseguindo entrar em contato com um admirador seu, Will dá a ele uma tarefa: matar Hannibal.

Will, que até aquele momento, havia apenas sido uma peça no jogo de Hannibal, começa também a jogar. Enquanto no livro temos Will apenas sendo atingido pelas tentativas de Hannibal atacar a ele e sua família, na série há um jogo mútuo entre ambos. Hannibal joga a culpa de todos os assassinatos para Will e, para se vingar, Will

tenta matá-lo. No momento em que seu pedido está sendo posto em prática, Will sabe que está mudando.

A imagem do cervo e dos seus chifres, acompanham a imaginação de Will desde a primeira temporada, pois ela está ligada ao assassino Garret Jacob Hobbs, a quem ele matou, e a seu imitador, que é Hannibal. Quando Will manda um assassino atrás de Hannibal, ele tem alucinações de que chifres estão saindo de sua nuca e suas costas, como se ele estivesse se tornando o que Hannibal é. Não apenas um assassino, mas como Hannibal. É como se Will estivesse tornando-se Hannibal.



Figura 3: Hannibal, de Bryan Fuller. Temporada 2, episódio 5, “Muzozuke”. Frame: 31’40

Assim que Will sai da prisão, ele retoma a terapia com Hannibal, para a surpresa de todos. Porém, agora tanto Will quanto Hannibal estão cientes de suas naturezas. Will sabe que Hannibal é um assassino e um canibal, e Hannibal sabe que Will mandou matá-lo. Quando ambos têm clareza sobre a natureza do outro, sua relação se torna cada vez mais profunda. Essa proximidade entre ambos, mesmo que Will diga ser estratégica para desmascará-lo, acaba tornando Will cada vez mais semelhante a Hannibal.

Hannibal parece refletir exatamente o que Will não aceita dentro de si. Essa é uma das ideias centrais da teoria do duplo, em que um *eu* não aceita sua própria natureza, por isso transfere essa parte de sua natureza para um outro eu, seu duplo. Em Hannibal, o duplo que Will encontra é Hannibal, que espelha uma parte de sua natureza que ele se recusa a aceitar.

Ao colocar Hannibal como o duplo de Will, torna-se possível visualizar outros momentos da série em que suas ações se espelham, mostrando como os dois possuem

diversas semelhanças, e como a série buscou evidenciar essas semelhanças entre ambos. Assim que Will e Hannibal tornam-se próximos, Will passa a modificar sua aparência, sua maneira de vestir, seu cabelo, tornando-os parecidos com Hannibal.

Há momentos em que essa semelhança se estende à fala, e seus diálogos parecem ser apenas um monólogo, onde apenas uma pessoa está falando, pois as falas se complementam. Uma cena específica da segunda temporada mostra essa fusão de sua fala com bastante clareza. Em um de seus encontros na casa de Hannibal, ambos estão conversando, e a câmera é focada em Will falando enquanto a voz de Hannibal é ouvida, e é focada em Hannibal quando a voz de Will é ouvida. Essa cena coloca um como sendo o mesmo que o outro, como tendo os mesmos pensamentos e desejos:

Will studies Hannibal a moment, then:
 WILL GRAHAM How much reality has had to be slandered? How many lies have had to be sanctified? How many consciences devastated?
 HANNIBAL As many as were necessary.
 WILL GRAHAM You sacrificed Abigail. You cared about her as much as I did.
 HANNIBAL More.

A disposição dos personagens na cena é muito característica da série também. Will e Hannibal estão sempre colocados um de frente ao outro, como se estivessem em oposição um ao outro. Esse contraste é evidenciado constantemente na série, dando maior ênfase para a imagem dupla que eles criam. A colocação dos personagens dessa maneira, assim como seus diálogos que se fundem, criam a impressão de uma personalidade fragmentada em dois:



Figura 4: *Hannibal*, de Bryan Fuller. Temporada 2, episódio 8, “Su-kazana”. Frame: 21’31.

A distorção da imagem refletida é outro aspecto do duplo que pode ser encontrado na série. Will modifica sua aparência, tornando-a semelhante a de Hannibal, fazendo com que sua imagem se assemelhe a de Hannibal. Essa modificação que ocorre em Will, a perda de sua identidade, pode ser percebida em uma cena em que Will, após ter um pesadelo no qual mata sua esposa, olha-se no espelho e vê sua imagem quebrando-se. Ver sua própria imagem se quebrando indica que Will sente estar perdendo sua identidade gradualmente quando volta para a vida no FBI, perto de Hannibal.



Figura 5: *Hannibal*, de Bryan Fuller. Temporada 3, episódio 9, “...and the woman clothed with the sun”. Frame: 37’27.

Em uma cena do final da segunda temporada, Hannibal está recriando em um desenho a obra *Achilles Lamenting the Death of Patroclus*. Ao recriar essa obra de arte na presença de Will, ele compara-os aos dois personagens clássicos. Hannibal diz que Pátroclo pode ser definido por sua empatia. Will menciona que Pátroclo morre no campo de batalha usando a armadura de Aquiles. Pátroclo torna-se Aquiles, e assim é morto. Essa cena deixa explícita a ideia de que Will está se tornando Hannibal. Aquilo que Will vê em Hannibal é, na verdade, um espelho dele mesmo:

HANNIBAL Achilles Lamenting the Death of Patroclus. Whenever he is mentioned in the Iliad, Patroclus seems to be defined by his empathy.

WILL GRAHAM He became Achilles on the field of war. He died for him there, wearing his armor.

HANNIBAL He did. Hiding and revealing identity is a constant theme throughout the Greek epics.

WILL GRAHAM As are battle-tested friendships.

HANNIBAL Achilles wished all Greeks would die so that he and Patroclus could conquer Troy alone. Took divine intervention to bring them down.

Como já especificado anteriormente, o problema do duplo está intrinsecamente ligado a questão da morte. Vida e morte são tópicos constantes em Hannibal, principalmente entre os dois personagens nos quais este trabalho está focado. Will torna-se obcecado com a ideia de matar Hannibal, e imagina isso de diversas maneiras. É comum a mente daquele que cria o duplo, ficar obcecado com o outro. A ideia de estar sendo perseguido por seu duplo é central nessa teoria. E essa perseguição do duplo faz com que aquele que o criou queira matá-lo.



Figura 6: *Hannibal*, de Bryan Fuller. Temporada 2, episódio 12, “Tome-wan”. Frame: 03’18

Will sabe estar sempre na mira de Hannibal, porém reluta em afastar-se dele. Quando Hannibal foge, ao final da segunda temporada, deixando Will para trás, ele admite para Jack que gostaria de ter fugido com ele. E, logo após isso, vai atrás de Hannibal. Quando o encontra, há uma luta constante em seu interior sobre se deve ou não matá-lo. Parece haver um misto de amor e ódio de Will por Hannibal, e vice-versa.

Quando Hannibal é preso, assim como no livro, Will deixa o FBI e constrói uma família, com a qual mora em uma casa afastada, em um lugar frio. Quando Jack vem buscá-lo para auxiliar na captura de um novo assassino, tirando-o de sua vida com sua família, Will reencontra Hannibal. Quando ocorre a fuga de Hannibal da prisão, Will e ele vão para uma casa de Hannibal, e lá são encurralados pelo assassino que estão perseguindo, o Dragão Vermelho. Em uma luta em que Will e Hannibal unem suas forças contra o Dragão, ambos parecem entregar-se àquele momento como algo já há muito desejado. Will deixa que sua natureza, que espelha a de Hannibal, se sobressaia:

Hannibal staggers toward the edge of the bluffs and regards the ocean a moment before turning back to face Will.

HANNIBAL See. This is all I ever wanted for you, Will. For both of us.

WILL GRAHAM It's beautiful.

A moment as Will considers the brutal pack hunting he shared with Hannibal Lecter. He genuinely feels it is beautiful.

Após admitir de que maneira se sentiu matando ao lado de Hannibal, Will decide tirar a vida de Hannibal, e também a sua, puxando os dois para o penhasco ao qual estão ao lado. Will parece saber que não pode matar Hannibal e continuar vivo, como também parece saber que precisa matar Hannibal, pois ele representa um lado sombrio seu. Porém, não pode viver sem esse seu lado:



Figura 7: *Hannibal*, de Bryan Fuller. Temporada 3, episódio 13, “The Wrath of the Lamb”. Frame: 41’10.

A morte é o final esperado quando se fala da teoria do duplo, e ela costuma ser o suicídio com o intuito de matar o outro. Em *Hannibal* é o que acontece, quando Will mata seu duplo e com isso também tira a própria vida. Esse é o desfecho mais recorrente quando se trata dessa teoria.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base uma obra literária e sua adaptação televisiva, são muitas as leituras possíveis de se fazer. Neste trabalho, escolheu-se analisar de que maneira a

teoria do duplo, amplamente utilizada na literatura e no cinema, apareceu como resposta a diversas particularidades desta obra literária e sua recriação audiovisual.

Dragão Vermelho e *Hannibal* são obras que possuem particularidades impressionantes, dentro das especificidades de cada plataforma. São apresentados personagens complexos e bem elaborados, os quais prendem a atenção e a curiosidade do espectador. Will e Hannibal são personagens com muitas características marcantes e diferentes, mas que acabam se fundindo no decorrer da obra, principalmente na série de Bryan Fuller.

Will e Hannibal espelham um ao outro em diversos momentos. O contraste entre ambos é evidenciado no início e posteriormente suas personalidades tornam-se muito semelhantes. E foi possível analisar esse processo de tornar-se semelhante, utilizando a teoria do duplo, quando Will começa a parecer cada vez mais com Hannibal.

Analisando personagens como esses, são muitas as interpretações possíveis, e a teoria do duplo pôde ser utilizada como base teórica para uma análise completa desses personagens. Foi possível utilizar muitas das particularidades dessa teoria para a leitura deles, como a fragmentação, o reflexo e a morte. A teoria possui ainda muitas particularidades, assim como os personagens analisados. Para um estudo mais aprofundado do assunto e das obras de Thomas Harris e Bryan Fuller, trabalhos futuros serão realizados, nos quais esse estudo será retomado.

Com isso, conclui-se essa pesquisa ainda inicial sobre duas obras que merecem a atenção de um estudo acadêmico, por apresentarem personagens e enredos complexos e cheios de possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, U. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 13ª ed. Lisboa: Editora Presença, 1997.

ECO, U. **Obra Aberta**. 8ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1991.

E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS. **Duplo**. Lisboa, 2121. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em: 5 jan. 2121.

HARRIS, T. **Dragão Vermelho**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. Tradução: José Sanz. Recurso digital.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RANK, O. **O duplo**. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

WILDE, O. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução: Paulo Schiller. 1ª ed. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

REFERÊNCIA TELEVISIVA:

FULLER, B. **Hannibal**. Produção: Bryan Fuller; Martha De Laurentis. Criação: Bryan Fuller. Estados Unidos, 2013-2015.